

Os desafios do professor no processo de ensino e aprendizagem da criança autista

Christiane Marinho Rocha (FASF) fest-car@bol.com.br
Suellen Bernardelli Batista (FASF) suellenbernardelli123@gmail.com
Rommy Salomão (FASF) rommy05@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo propõe discutir o tema: “Os desafios encontrados pelo professor no processo de ensino e aprendizagem da criança autista”. Neste sentido o objetivo geral desta pesquisa é analisar as dificuldades do professor ao ensinar o aluno com autismo no Ensino Regular. A elaboração da problemática desta pesquisa está pautada no seguinte questionamento: Quais as dificuldades encontradas pelo professor no processo de ensino e aprendizagem do aluno com o transtorno autista no ambiente do Ensino Regular? O desenvolvimento deste estudo segue a metodologia de pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, de natureza básica. Está baseada no referencial bibliográfico pautado nos seguintes autores: SAVIANI (2008), KANNER (2014), SEVERINO (2007), entre outros. O artigo levantou questionamentos das dificuldades que os professores e os alunos enfrentam para estarem inseridos no processo de inclusão no ensino regular, levando em conta a importância da formação continuada do docente e a busca de novas metodologias que são indispensáveis, para que o autista tenha acesso a uma formação integral em todas as áreas de seu desenvolvimento, seja elas, cognitiva, emocional e moral.

Palavras chaves: Ensino, Aprendizagem, Desafios, Professor, Formação.

Challenges of teacher in the process of teaching the autistic

Abstract

The present article proposes to discuss the theme: "The challenges encountered by the teacher in the process of teaching and the learning of autistic children". In this sense the general objective of this research is to analyze the difficulties of the teacher when teaching the student with autism in Regular Education. The elaboration of the problematic of this research is based on the following question: What are the difficulties found by the teacher in the process of teaching and learning of the student with autistic disorder in the environment of Regular Education? The development of this study follows the methodology of qualitative research, of a descriptive and exploratory nature, of a basic nature. It is based on the bibliographic reference by the following authors: SAVIANI (2008), KANNER (2014), SEVERINO (2007), among others. The article raised questions about the difficulties that teachers and students face in order to be included in the process of inclusion in regular education, taking into account the importance of continued education for teachers and the search for new methodologies that are indispensable for the autistic to have access to an integral education in all the areas of their development, be it cognitive, emotional and moral.

Key-words: Eaching, Learning, Challenges, Teacher, Qualification.

1. Introdução

Aprender é um processo complexo que afeta o sujeito em sua totalidade. No caso da criança com autismo, é necessário que esta possa adquirir confiança em si mesma e em seu professor. Cada criança tem uma maneira de aprender, e diante disso os professores e profissionais que trabalham com essas crianças tem a grande responsabilidade de observar e detectar suas peculiaridades, para que assim possa refletir sobre qual metodologia é mais indicada para desenvolver o processo de aprendizagem da criança com autismo, ressaltando que elas precisam de um ambiente seguro e estimulante, onde erros sejam permitidos e ao assumir riscos, sejam incentivados.

O interesse pela pesquisa surgiu durante as observações do estágio de inclusão proposto pela faculdade, no decorrer do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Sagrada Família-FASF, no qual foi presenciado o trabalho de uma professora com um aluno autista, e o mesmo motivou a conhecer seu processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, considerando que os alunos com necessidades especiais precisam de um trabalho diferenciado que supra suas delimitações, para isso, cabe ao professor buscar novas atividades e metodologias para trabalhar com esses alunos.

Diante desse fato, surgiu então a seguinte problemática: Quais os desafios encontrados pelo professor de ensino regular no processo de aprendizagem de crianças com espectro autista?

O presente artigo vem ressaltar como a criança com espectro autista aprende, tendo como objetivo geral: verificar quais os desafios encontrados pelo professor de ensino regular no processo de aprendizagem de crianças com espectro autista.

Para alcançar o objetivo traçado foram definidos os seguintes objetivos específicos: estudar sobre o transtorno do autista e suas características específicas; verificar como o professor conduz o processo de ensino de uma criança autista no ambiente escolar; averiguar as possíveis estratégias de como o professor trabalha com esse aluno.

Cabe ressaltar ainda que é de suma importância que o professor busque qualificações voltadas aos interesses da área em que vai atuar, ou seja, a importância da formação continuada que só depende da ação do professor.

A presente pesquisa desenvolvida tem caráter descritivo e para tal, nos procedimentos foi utilizado de material bibliográfico apoiado em autores como SAVIANI (2008), KANNER (2014), SEVERINO (2007), e outros que embasam o tema tratado. Para a realização de coleta de dados utilizou-se de perguntas abertas, que foram entregues a professoras do Ensino Regular da Rede Municipal de Ensino da cidade de Ponta Grossa/PR.

Esta pesquisa terá contribuições importantes para o processo acadêmico, atribuindo a reflexão de um novo conhecimento que possibilite gerar um novo olhar sobre o aluno com espectro autista, como também para a prática docente, tendo em vista a importância da inclusão dessas crianças no ensino regular.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Uma Breve Trajetória da Democratização Escolar

O ensino desde seu início até os tempos atuais passou por diversas mudanças. Saviani (2008) ressalta a trajetória de três momentos da educação: a pedagogia tradicional, o escolanovismo, e o ensino tecnicista. Na tradicional o centro da escola era o professor, não havia diálogo entre alunos e professores, o corpo docente era autoridade máxima em sala e visava o ensino

cartesiano, onde o aluno não constrói o seu conhecimento e sim decora o que é passado. Era destinada a todos os públicos tanto burgueses quanto proletariados tinham direito a educação.

Na pedagogia escolanovista o modelo de educação mudou, pois o aluno passou a ter voz em sala de aula, e o professor se tornou mediador do conhecimento. Neste momento, a perspectiva de uma prática inclusiva começou a ganhar espaço. É oportuna a análise de Saviani, (2008, p. 07).

Eis a grande descoberta: os homens são essencialmente diferentes, não se repetem, cada indivíduo é único. A escola passou a realizar experiências com crianças anormais, para assim gerar métodos novos para a educação desta época. Levando em conta anormalidades biológicas, deficiências neurofisiológicas, mas essa escola tinha como público alvo a classe burguesa, onde só quem tinha poder teria o direito a educação nova como chamavam. Se acrescentar no conceito de anormalidade psíquica detectada através dos testes de inteligência, de personalidade etc, que começam a se multiplicar.

Surgiu ainda à pedagogia tecnicista que tinha como finalidade formar cidadãos para o trabalho nas indústrias, nessa pedagogia o professor era visto como um especialista, na qual o aluno constrói seu conhecimento. Essa pedagogia pretendia aumentar a produtividade da sociedade, mais assim teve como ponto negativo a evasão e reprovação escolar.

A partir desses conceitos referentes a pedagogia, é possível notar como deve ser a formação do professor levando em conta que para desenvolver um trabalho na perspectiva inclusiva, depende muito da formação do professor, pois estes devem estar abertos para trabalhar com o novo, com o diferente, respeitando as peculiaridades do sujeito e buscando formas de levar o conhecimento.

2.2 A formação docente no contexto atual: um olhar na inclusão sobre a perspectiva inclusiva

A formação docente deve estar comprometida com a transformação social do aluno, por isso a importância de uma formação continuada com foco de favorecer esse desenvolvimento das crianças com espectro autista trabalhando em todas as áreas cognitiva, emocional e moral.

Enfatizar o trabalho do professor com sua formação e prática educativa é apenas o primeiro passo. Cabe ao docente compreender o sujeito que vai formar, pois o mundo mudou, as pessoas mudaram diante de tais circunstâncias o trabalho será significativo quando estes docentes, em contato com outros professores permitam a realização de troca de conhecimento, aprimorando desse modo, a práxis e conhecimento de cada professor.

Abordando os saberes da docência e o seu significado na construção de uma identidade profissional, afirma Pimenta (1999, p. 20).

Quando os alunos chegam ao curso de formação inicial, já tem saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos que foram de diferentes professores em toda sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais foram os bons professores, quais eram bons em conteúdo, mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar. Quais professores foram significativos em suas vidas, isto é, contribuíram para sua formação humana. Também sabem sobre o ser professor por meio da experiência socialmente acumulada, as mudanças históricas da profissão, o exercício profissional em diferentes escolas, a não valorização social e financeira dos professores, as dificuldades de estar diante de turmas de crianças e jovens turbulentos, em escolas precárias; sabem um pouco sobre as representações e os estereótipos que a sociedade tem dos professores, através dos meios de comunicação.

A única maneira de olhar a inclusão e mudar sua trajetória, traz a realização de um trabalho que exige mobilização e esforços constantes, além de muito empenho e dedicação do educador, levando em conta que a efetivação de uma prática que leve em consideração a subjetividade dos sujeitos, levando em conta que a mudança de conceitos não acontecem do “dia para a noite”.

2.3 O processo de inclusão no ensino regular

A escola dos dias atuais deveria ser planejada para oferecer educação. Nesse sentido, a inclusão deveria ir além de um mero acompanhamento de t0/ qt6789 autores, que muitas vezes não estão preparados para a realização de um trabalho de forma integral com essa criança, atuando e motivando o desenvolvimento de todas as áreas de conhecimento.

O professor deve sempre ressaltar que a criança com o espectro autista consegue aprender, e deve ser motivado diariamente. É importante evitar que qualquer criança que ocupa seu espaço na escola seja “diminuída” e sim mostrar o quanto ela é capaz de realizar suas atividades, começando pelas questões mais simples, mas que para os sujeitos com determinadas peculiaridades é um grande aprendizado. Como ressalta Lima (2006, p.63).

A inclusão, portanto, não é algo que se fala, mas algo que se vive, intensa e conscientemente, continua e tenazmente, concreta e fracamente. A inclusão é a participação de todos pelo todo, com todos. A inclusão não é uma mera teoria da moda, mas uma atitude de vida; uma expressão de sociedade e cidadania; uma compreensão de que todos os seres humanos sem distinção.

Cabe aos professores rever suas críticas sobre as condições que essa criança exige no seu processo de ensino-aprendizagem, para que assim a inclusão seja completa envolvendo o todo, escola, pais, e sociedade onde a criança está inserida.

O incentivo dos pais é muito importante para que ocorra de fato a inclusão da criança autista, pois se os próprios pais acreditarem que as crianças são incapazes, e não os motivarem e se importarem com os seus direitos em relação ao processo de aprendizagem e consequentemente em ter uma vida melhor, com qualidade, sem restrições, estarão privando-os de uma série de experiências importantes para seu desenvolvimento no ambiente escolar.

A inserção dessas crianças é garantida por lei descrita na resolução n.2, de 11/09/2001 instituída pelas Diretrizes Nacionais para a Educação Básica que indica que a inclusão é: “A garantia do acesso continuado ao espaço comum de vida em sociedade orientada por relações de equidade de oportunidades desenvolvimentos, em todas as dimensões da vida”.

Mas para que isso aconteça de forma integral a escola deve estar preparada para receber esse público, pois a inclusão não é apenas inserir esse aluno no ensino regular. É também espaço para conhecer suas necessidades para que a construção do conhecimento aconteça realmente e de forma natural. Na verdadeira escola inclusiva todos devem ter igualdade de oportunidades de aprender e praticar.

Deve se buscar os materiais que estimulem o raciocínio por meio de atividades lúdicas que explorem também o equilíbrio do autista, buscando desenvolver sua autonomia, já que este transtorno tem como característica a dificuldade de se vestir, dobrar, apanhar ferramentas, e segurar talheres.

O professor é quem deve estimular a concentração, para que o déficit de atenção seja corrigido de maneira mais natural possível, o aluno autista jamais deve ser privado das atividades em sala de aula de aula, e sim ser acrescido e nunca diminuído.

Os profissionais da educação devem estar engajados a conhecer todas essas necessidades especiais e aprimorar se em fazer com que o aluno que necessite de um atendimento especial supere suas próprias limitações e obstáculos.

2.4 Características do autismo

Sabe-se que a pessoa com espectro autista apresenta um transtorno profundo no seu desenvolvimento, ocasionando-lhe várias dificuldades de comportamento, linguagem entre outros. A palavra já descreve a pessoa que vive em torno de si mesmo, não gosta muito de se comunicar com as pessoas, gosta de viver em função de si mesmo. Segundo Kanner, (2014 p. 448).

Prejuízos no desenvolvimento e na comunicação da criança: Ele notou a ausência de linguagem em algumas crianças com autismo e um uso estranho por parte daquelas que a possuem, como se não fosse uma ferramenta para receber ou enviar mensagem significativas, tendência a repetir transmissões ouvidas.

Desse modo, a criança com espectro autista possui um atraso na linguagem, as que conseguem falar o fazem de forma estranha, não utilizando a fala como um canal de comunicação, a dificuldade da comunicação da criança autista relacionamento se com a interação social nos dando a impressão de que a criança está fechada dentro de seu mundo particular e não consegue interagir com outras pessoas.

Assim, constata-se que a criança com espectro autista tem muita dificuldade em se relacionar com as pessoas, ela se fecha em si mesma, em um mundo só seu, tem um grande desinteresse em se relacionar com outras pessoas, mesmo se relacionando ela/ele não consegue ser verdadeira com as coisas. Desse modo, as atividades propostas para essas crianças nunca podem ser diferentes tem que sempre igual, pois o novo para ela pode irritar-se, por que é muito difícil deles se adaptar com o novo, por isso eles ficam nervosos e agressivos, e sempre ter uma roupa fixa, pois esse aluno demorará muito para se adaptar com o novo.

A criança com espectro autista, não gosta de mudanças elas gostam de estarem em um ambiente sempre igual, as brincadeiras sempre as mesmas e não muito produtivas, mas para ela/ele é uma diversão.

O responsável em ajudar essa criança com espectro autista tem que ter muito respeito com ela e deixar a mesma criar um vínculo com o adulto, dar confiança para que a criança não se bloqueie assim esse adulto ajudará muito na aprendizagem dessa criança. Kanner, (2014, p. 537), relata que:

As crianças são dependentes em muitos aspectos, mas precisam aprender a ser mais independente possível. Uma grande parte do sucesso que conseguirem no futuro dependerá da forma como os adultos se relacionam com elas. Para isso, o vínculo professor- aprendiz exigirá um ensino estruturado e sistemático, para que possam aprender.

Assim crianças com espectro autista são muito dependentes, elas ficam muito pelo adulto, então quanto, mas afetividade esse adulto pegar com essa criança melhor ele poderá ensinar ela, assim ela irá desenvolver a independência dessa criança, assim terá um futuro melhor, mas o adulto tem que trabalhar muito com isso.

O adulto que trabalhar com essa criança terá que estimular esses cinco sentidos nela, fazendo exercícios diferenciados para cada sentido assim a criança irá se desenvolvendo.

Segundo Kanner (2014, p. 537), “pode ser que o professor ache muito difícil ensinar um autista, e para a criança isto não será indiferente. É importante que o professor reconheça seus sentimentos, tente ser sincero consigo mesmo e não demonstre algo que não sente”.

Desta forma o professor deverá conhecer bem o aluno e tentar trabalhar com esse aluno de uma forma que mostre confiança e conheça os sentimentos desse aluno, tentar ser muito sincero com o aluno e não demonstrar para ele algo que não consegue sentir.

Muitas vezes algum som causado no ambiente dessa criança pode incomodá-la, muitas delas têm um problema de modulação assim ela irá ficar muito irritada, vai depender de criança para criança.

Cada nível é diferente, tem crianças que prestam mais atenção e tem outras que a atenção e interesses são mínimos, por isso as necessidades são individuais e com muita calma, para que esse aluno não fique estressado.

Segundo Kanner (2014, p. 543) “a repetição frequente de uma determinada instrução ensina as crianças a não escutarem, então ela deve ser evitada. É melhor dar a instrução falada com gestos ou algo semelhante, que obrigue a criança a prestar atenção”.

A criança com espectro autista irá aprender melhor o conteúdo de forma diferente não só falando e ele olhando para o adulto, a atenção dele será mínima, ele irá aprender melhor com objetos, coisas ou gesto assim ele visualizará melhor o que se pede em seguida pedir para que a criança faça do modo que entendeu para assim ver se ela conseguiu prestar a atenção.

Segundo o autor a criança com espectro autista demora muito tempo para reconhecer algum objeto, isso vai com o tempo e com a ajuda do adulto para estimular essa criança.

De acordo com Kanner (2014, p. 543) “evitar frases negativas, uma vez que não há sugestões necessárias para aprender como se comportar de maneira diferente e mais adequada”.

Desse modo, é relevante evitar frases negativas para essas crianças, usar sempre o mais claro possível, assim ela aprenderá, mais fácil e irá se comportar de maneira diferente, e não terá bloqueio em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e moral.

3 Metodologia

O presente trabalho com o tema “Os desafios do professor no processo de ensino-aprendizagem da criança autista apresentam uma metodologia básica. Objetiva gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”. (Erani Cesar de Freitas, 2013, p.51).

Teve como objetivo geral responder a problemática sobre as dificuldades que o professor encontra no processo de ensino e aprendizagem do aluno com espectro autista no ambiente do ensino regular.

No que se refere aos objetivos, a pesquisa tratou-se de uma pesquisa exploratória que, conforme Severino, “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestações desse objeto” (Severino, 2007 p.123). Nesse sentido, a pretensão desta foi analisar as dificuldades do professor ao ensinar o aluno com autismo no Ensino Regular.

Quanto à abordagem do problema, a pesquisa foi de cunho qualitativo. Para SEVERINO (2007, p.214)

Quaisquer que sejam as distinções que se possam fazer para caracterizar variam formas de trabalhos científicos, é preciso afirmar preliminarmente que todos eles têm em comum a necessária providência de um trabalho de pesquisa e reflexão que seja pessoal, autônomo, criativo e rigoroso.

É importante considerar que na realização da pesquisa de cunho qualitativo a análise dos envolvidos não restringindo apenas o objetivo da pesquisa.

Utilizou-se de pesquisa bibliográfica para os procedimentos que segundo GIL (2016, p.29) “A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos como elaborar projetos de pesquisa”

Quanto ao instrumento de pesquisa utilizou-se de perguntas abertas. “Nas questões abertas, os respondentes ficam livres para responderem com suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre um rol de alternativas” (Pradonov; Freitas, 2013, p. 109). Foram elaboradas perguntas onde professoras que atuam no Ensino Regular possam expressar suas respostas de forma pessoal, sem alternativas para atribuir de forma positiva como material teórico para levantamento das hipóteses.

4 Análise de dados

Conforme proposto, a pesquisa foi realizada numa abordagem qualitativa, com interesse em saber quais dificuldades o professor encontra no processo de ensino e aprendizagem com crianças com espectro autista no ensino regular.

Foram elaborados questionamentos direcionados aos docentes de escolas de ensino regular sobre o tema abordado, para que assim ocorra um melhor aprimoramento no entendimento sobre este transtorno.

Foi organizado então um questionário com seis perguntas encaminhadas para seis professoras que lecionam em instituições de ensino regular com crianças autistas. As entrevistadas atuam na Rede Municipal de Ensino, com um público alvo de 6 a 10 anos.

Numa primeira conversa as professoras informaram que, em relação à sua formação acadêmica e o tempo que atuam no ensino:

Entrevistada 1: *“Possuo magistério, Licenciatura em Pedagogia, especialização em Neuropsicopedagogia Institucional e Educação Especial Inclusiva. Atuo há sete anos e exerço a docência há nove anos”.*

Entrevistada 2: *“Fiz magistério subsequente e curso superior de Pedagogia”.*

Entrevistada 3: *“Fiz o curso de formação de docentes, e me formei em Licenciatura em Pedagogia”.*

Entrevistada 4: *“Possuo curso de Licenciatura em Pedagogia”.*

Entrevistada 5: *“Tenho magistério, e me formei em 2015 no curso de Pedagogia”.*

Entrevistada 6: *“Em 2001 conclui Licenciatura em Pedagogia”.*

É perceptível que a Entrevistada 1 possui qualificação adequada voltada aos interesses da área tendo possibilidades de oferecer um entendimento mais elaborado frente às exigências e desafios encontrados na docência. Nessa perspectiva, percebe-se que as demais docentes necessitam de um aprimoramento contínuo a fim de atender às exigências da atividade docente. Após esta breve apresentação das professoras que no momento lecionam ou já lecionaram para crianças autistas, os questionários foram organizados em forma de perguntas abertas, para que assim, elas pudessem descrever de maneira pessoal suas respostas.

O primeiro questionamento foi sobre a reação que tiveram ao saber que trabalhariam com uma criança autista. E as respostas apresentaram-se da seguinte maneira:

Entrevistada 1: *“Primeiramente busquei informações relacionadas ao autismo, fontes que subsidiassem melhores atividades, condutas e postura a ser tomada com o aluno, a especialização que tenho é voltada para a educação especial, o que facilitou o trabalho”.*

Entrevistada 2: *“Susto, a falta de preparo, até estudar sobre o autismo e a maneira de como é a criança. Conhecer a criança, aprender o seu jeito e tempo para como irá realizar as atividades”.*

Entrevistada 3: *“A maior dificuldade está na falta de acompanhamento médico”.*

Entrevistada 4: *“A dificuldade é a falta de informação e também orientação”.*

Entrevistada 5: *“Seria estabelecer um vínculo com o aluno”.*

Entrevistada 6: *“Fiquei assustada, o novo sempre assusta, o aluno veio com “rótulos” de outras escolas de ser bastante agressivo”.*

Nota-se que os professores ainda têm pouco conhecimento sobre o assunto. Isso acaba dificultando o trabalho em sala de aula, pois o aprendizado da criança autista depende de metodologias diferentes, porque o autista tem possibilidades de ter uma vida social. Para Santos. “O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno”. Santos, (2008, p. 30).

Torna-se uma tarefa exclusiva do educador recebê-lo em sala de aula, dessa forma o aluno que era visto como uma "ovelha negra" da turma passa a ser vista uma agradável criança que necessita de adaptações específicas para desenvolver sua aprendizagem, e a compreensão por parte do todo.

Em seguida, a questão procurou saber se as entrevistadas tiveram algum tipo de orientação da instituição, e foi relatado que:

Entrevistada 1: *“Recebi orientação da equipe pedagógica sobre as peculiaridades da criança e toda a anamnese da mesma, a pedagoga esteve sempre pronta a ajudar”.*

Entrevistada 2: *“Depende. Tive orientação somente para leitura, cursos e visitar a APROAUT”.*

Entrevistada 3: *“Fiquei apreensiva, pois são duas crianças sem tutora”.*

Entrevistada 4: *“Medo, pois não estou preparada para trabalhar”.*

Entrevistada 5: *“Como planejar um trabalho para que o aluno se desenvolva nas suas potencialidades”.*

Entrevistada 6: *“Então conforme citei na questão anterior devido aos “rótulos” a equipe pedagógica elaborou um trabalho cujo qual deixou muito a desejar”.*

Percebe-se que há uma lacuna nas instituições acerca do tema autismo. Não há uma orientação aprofundada por parte da instituição aos professores, porque, inclusive a escola não conhece muito o tema, sendo possível ressaltar a importância da formação continuada na prática docente.

Para justificar a formação continuada de professores, três razões têm sido normalmente apontadas, Para SCHNETZLER & ROSA, (2003, p. 27).

[...] “a necessidade de contínuo aprimoramento profissional e de reflexões críticas sobre a própria prática pedagógica, pois a efetiva melhoria do processo ensino-aprendizagem só acontece pela ação do professor; a necessidade de se superar o distanciamento entre contribuições da pesquisa educacional e a sua utilização para a melhoria da sala de aula, implicando que o professor seja também pesquisador de sua própria prática; em geral, os professores têm uma visão simplista da atividade docente, ao conceberem que para ensinar basta conhecer o conteúdo e utilizar algumas técnicas pedagógicas”.

Cabe ao professor estar sempre revendo suas práticas, pois o processo de ensino e aprendizagem da criança autista depende também das ações do docente em sala de aula, na junção da prática e da teoria, e de uma formação continuada como aspectos que são a base para uma educação significativa.

Como continuidade do questionário foi abordada quais dificuldades que as entrevistadas tiveram ao saber que trabalhariam com crianças autistas, e assim foram relatadas pelas entrevistadas:

Entrevistada 1: “Essa foi minha primeira experiência de trabalho com criança autista, porém, como minha aluna possui nível leve é fácil de adaptar atividades e inseri lá na convivência com os demais colegas. A criança teve um desenvolvimento intelectual considerável e satisfatório, ou seja, eu não tive problemas. Mas a meu ver, coloco como dificuldade não somente com alunos especiais, e sim com todos, a falta de comprometimento da família, o que é primordial para que ocorra a aprendizagem e inserção do indivíduo na sala de aula”.

Entrevistada 2: “Ser uma única professora com muitas crianças, ficando difícil um atendimento individualizado (dentro da sala) ”.

Entrevistada 3: “Nenhuma, busquei sozinha”.

Entrevistada 4: “Muito pouca”.

Entrevistada 5: “Sim temos formação com equipe capacitada”.

Entrevistada 6: “A comunicação e a interação social dessa criança”.

A falta de preparo para trabalhar com o autista é a principal dificuldade para as professoras, a Entrevistada 3 demonstrou seu interesse buscando leituras e diferentes formas de aprendizagem que agreguem seu próprio conhecimento, enquanto as demais demonstram claramente que não estão preparadas para trabalhar com a inclusão, relatando até mesmo o medo de trabalhar com a criança autista; diferente da entrevistada 1 que possui qualificação adequada, e 5 que passou por um curso de capacitação fornecida pela instituição, com a entrevistada 2, nota-se maior dificuldade em desempenhar as atividades com a criança autista é de que o professor não poder dedicar-se exclusivamente ao aluno. De acordo com a Declaração de Salamanca, (1994, p.27-28) afirma que:

As competências necessárias para satisfazer as necessidades educativas especiais devem ser tidas em consideração na avaliação dos estudos e na certificação dos professores [...] A formação em serviço deverá realizar-se, sempre que possível, ao nível da escola, através da interação com os orientadores e apoiados pela formação a distância e outras formas de auto formação.

Ainda no relato das entrevistadas na pesquisa, é possível perceber que muitas têm vontade de realizar cursos profissionalizantes, mas reclamam da falta tempo, cabe rever que muitas instituições oferecem cursos a distância, e cursos online, que podem ajudar muito em suas práticas pedagógicas. Em seguida Foi perguntado também de que forma aprenderam a trabalhar com a criança autista e sobre essa questão, apresentaram as seguintes contribuições:

Entrevistada 1: *“Pesquisando, trabalhando, me aprimorando sobre a melhor maneira de trabalhar com as dificuldades do meu aluno. A convivência também me permitiu observar as atitudes da criança e como eu devo intervir para mediar sua aprendizagem, sendo assim, nada mais importante que a teoria ligada a prática e o olhar cuidadoso para a individualidade dos nossos alunos”.*

Entrevistada 2: *“No dia a dia, observando, proporcionando momentos em que a criança interaja com o ambiente e os demais alunos”.*

Entrevistada 3: *“Através das várias tentativas que testei com eles”*

Entrevistada 4: *“Troca de experiências, estudos, leitura”.*

Entrevistada 5: *“Procuro me informar com outros profissionais da área (capacitação).”*

Entrevistada 6: *“Como o que foi orientado não teve êxito. Pesquisei e consegui estabelecer um vínculo com o aluno cujo qual era na base da troca, ele era apegado com um avião (foi uma experiência surreal).”*

Percebe-se que há uma lacuna no aprendizado dos professores a respeito do tema, pois, as entrevistadas comentam que aprenderam na prática do dia a dia. Sobre esta visão, de acordo com Cunha:

“Devem centrar-se na busca de rever concepções, estratégias de ensino, de orientação e de apoio para todos os alunos, a fim de que possam ter suas necessidades reconhecidas e entendidas, desenvolvendo ao máximo as suas potencialidades”. (CUNHA, 2016, p. 42).

A convivência também assume um papel importante, para que os professores possam aplicar suas práticas pedagógicas de maneira correta. A criança autista precisa confiar em seu professor, e assim ser testado diversas formas de ensinar essa criança, a afetividade é o primeiro passo, para ganhar a confiança de um autista.

Sendo assim, foi questionado a respeito do comportamento dessas crianças com seus colegas em sala de aula e as entrevistadas relataram que:

Entrevistada 1: *“A criança autista precisa de muitos incentivos e estímulos para que tenha interesse em participar de brincadeiras e atividades com outras crianças. É preciso ter paciência e amor pelo aluno para que ele se sinta amado e assim interaja com o meio”.*

Entrevistada 2: *“Depende do dia, quando o “humor” da criança está propício, pois dependendo de seu estado de ânimo ela colabora, tem dias que as atividades não rendem devido a agitação ou até mesmo “desinteresse (ela não quer). Ela até tem um convívio bom com os colegas, porém, quando ela deixa, tem dias que não gosta de ninguém se aproxime, não mexa nem nos seus cabelos”.*

Entrevistada 3: *“Ambos são muito queridos pelos colegas”.*

Entrevistada 4: *“Bem, pois todos aprendemos que temos limitações e precisamos nos ajudar e auxiliar as colegas”.*

Entrevistada 5: *“Depende de cada caso. Tem casos em que o autista elege alguém para se comunicar. Outros não socializa com outros”.*

Entrevistada 6: *“Ele gostava de brincar sozinho, porém quando as brincadeiras eram no parque ele interagia bem com os colegas”.*

A respeito do relacionamento dos alunos autistas com os demais da sala, fica evidente que há dificuldades na interação da criança com o meio e isso pode ser superado por meio de estímulos à criança. Sendo assim nota-se que as entrevistadas têm consciência da dificuldade de se ganhar a confiança do autista, levando-as a buscar maneiras de estimular e incentivar

essas crianças. “Essa dificuldade de relacionamento e interação social nos dá a impressão de que a criança está fechada dentro de seu mundo particular e não consegue interagir com outras pessoas” (TEIXEIRA, 2016. p. 27).

A partir de todos esses apontamentos relatados pelas entrevistadas foi perguntado se as entrevistadas acreditam que a criança autista pode se desenvolver normalmente e assim foi relatado:

Entrevistada 1: *“Pode sim. Desde que seja estimulada tanto pela família, quanto pela escola (professores).”*

Entrevistada 2: *“Talvez ela precisa de auxílio sempre, ter alguém para orientá-la. Gradativamente ela vai se adaptando, porém, é preciso estar atento às suas necessidades para que ela possa alcançar alguns objetivos e autonomia sozinha”.*

Entrevistada 3: *“ Sim, porém de forma diferenciada com recursos materiais e tutora”.*

Entrevistada 4: *“Sim, com o auxílio da escola e da família pode ser feito um bom trabalho com a criança”.*

Entrevistada 5: *“Com certeza”.*

Entrevistada 6: *“Com certeza. Mas para isso precisa de profissionais que amem o que faz. De nada adianta só saber a teoria. É preciso amar, ter paciência e acreditar”.*

Sobre o desenvolvimento da criança, todas as entrevistadas mostraram que é possível o desenvolvimento da criança autista, desde que o professor entenda quais são as dificuldades de cada aluno e assim, podendo auxiliá-lo a superar limitações e alcançar melhores resultados em seu desenvolvimento. Segundo Cunha:

O aluno aprende. O aluno com o transtorno do espectro autista aprende. Essas são as primeiras ideias que queremos enfatizar neste pequeno texto. A aprendizagem é características do ser humano. O ensino e aprendizagem são dois movimentos que se ligam na construção do conhecimento. É uma construção dialógica e não interpretativa; expressão imanente da nossa humanidade, que abarca também o aprendente com autismo. (2016, p. 15)

Por fim, analisando a entrevista como um todo, o aprendizado adquirido sobre o tema que é altamente relevante e importante. São inúmeras as dificuldades encontradas pelos professores na inclusão de alunos autistas no meio escolar.

Por isso, é gratificante poder conversar com professores que estão comprometidos com a inclusão de alunos com alguma dificuldade ou deficiência cognitiva e saber que em meio a tantos obstáculos, estes professores ainda buscam meios de integrar crianças com dificuldades no âmbito escolar, buscando sempre novos conhecimentos para se trabalhar com o novo.

5 Considerações Finais

A realização desta pesquisa possibilitou considerar uma análise sobre algumas questões relevantes. O estudo sobre o autismo especificamente oportunizou um melhor entendimento, desde o processo de formação do professor até as dificuldades que a criança autista enfrenta ao ser inserido no Ensino Regular.

Nesse sentido, é relevante levar em conta que os professores do Ensino Regular devem buscar conhecimento e estar engajados sobre a efetivação do processo de inclusão.

De acordo com as pesquisas bibliográficas levantadas, para que o processo da inclusão ocorra, é necessário rever as metodologias desses professores e de toda equipe pedagógica.

Sendo assim considerou-se que a inclusão de alunos autistas na escola regular da rede pública é um grande desafio. Todavia que o papel do docente, não é diagnosticar o autismo, mais sim reconhecer e compreender sua necessidade, ressaltando que a formação continuada desses professores é fundamental para a eficácia de novas metodologias, onde o autista desenvolva suas interações sociais, morais e cognitivas, e assim ocorrer uma relação de equilíbrio entre família e escola, que é fundamental para que ocorra o processo de ensino aprendizagem.

Assim, considera-se que a inclusão é um processo contínuo e cabe ao professor mediar essa interação entre a criança e sua socialização escolar, pois a educação é um direito de todos e deve levar em conta a peculiaridade de cada sujeito.

Referências

- COSTA, F. B. L. Da.** *O processo de inclusão do aluno autista na escola regular: análise sobre as práticas pedagógicas.* Disponível em:
<http://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/4510/1/0%20processo%20de%20inclus%C3%A3o%20do%20aluno%20autista%20>. Monografia Costa. Pdf. Acesso 18/07/2018.
- CUNHA, E.** *Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas.* Ed 4. Rio de Janeiro: Wake Editora, 2016.
- FRANCO, M A do R S.** *Pedagogia e prática docente.* São Paulo, Editora Cortez, 2012.
- FREITAS, E.C.de:** *Metodologia do trabalho científico-métodos e técnicas da pesquisa acadêmica.* Ed 2. Rio Grande do Norte, Editora Feevale, 2013.
- GIL, A. C.** *Como elaborar projeto de pesquisa.* Ed 4. São Paulo, Editora Atlas S/A, 2002.
<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/024e5.pdf>
- LIMA, F. J.de.** *Ética e inclusão: o status da diferença.* In: MARTINS. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2006.
- LIMA, P G..** *Formação docente: Uma reflexão necessária.* Disponível em:
<http://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/1657/1344>. Acesso em: 19/07/2018.
- NÓVOA, A.** *Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente.* Teoria & Educação. 1991 n. 4, p.109-139.
- OLIVEIRA, I Apoluceno de.** *Saberes, imaginários e representações sobre pessoas que apresentam necessidades especiais no cotidiano escolar.* Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2006.
- PIMENTA, S. G.** *Formação de professores: identidade e saberes da docência.* Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1978920/modresouce/content/1/Texto-%20Pimenta-%201999-FP-%20ID%20%20e%20SD.pdf>. Acesso em: 20/07/2018.
- PRADONOV, E F..** *Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.* Ed 2. Rio Grande do Norte, Editora Feevale, 2013.
- ROSA, M. I. de F. P. dos S.; SCHNETZLER, R.P.** *A Investigação-ação na Formação Continuada de Professores de Ciências.* Revista Ciência e Educação, v. 9, n. 1. 2003.
- SAVIANI, D.** *Escola e Democracia.* Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008. 112p (Coleção Educação Contemporânea).
- SEVERINO, A.J.** *Metodologia do trabalho científica.* Ed 23. São Paulo, Revista Atual, 2007.
- SILVA. E.A. Da.** *Os desafios do autista no cotidiano escolar.* Disponível em:
<https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2340/1/2011>.
- TARDIF, M.** *Conferência proferida na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas - RS, no dia 25 de outubro de 1999.* Universidade Laval, Quebec, Canadá.
- TEIXEIRA, G.** *Manual do Autismo.* Ed 1. Rio de Janeiro, Editora Best Seller, 2016.